



DATAS COMEMORATIVAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Suélen Simoni Machado de Vargas¹

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão a respeito da forma como as propostas pedagógicas envolvendo as datas comemorativas estão sendo trabalhadas com as crianças. Para tanto, buscou-se analisar e problematizar o currículo das escolas de educação infantil, organizado de maneira vinculada a comemorações diversas. Através de uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de grupos focais, realizada com os docentes e de entrevistas semiestruturadas realizadas com as equipes de gestão, buscou-se compreender a organização das atividades pedagógicas no que se refere ao trabalho com datas comemorativas e ao entendimento dos professores acerca dessas propostas. Procurou-se também pesquisar como são escolhidas as datas que compõem o calendário escolar e qual a percepção da Secretaria Municipal de Educação em relação às propostas de trabalho que contemplam essa temática. A pesquisa teve como objetivo investigar se a proposta de trabalho envolvendo as datas comemorativas realizada em escolas de educação infantil do município, faz com que as crianças atribuam sentido ao tema trabalhado e ampliem seu repertório cultural. Através da análise dos dados coletados, ficou evidente a necessidade de problematizar a cultura tradicional, enraizada na matriz docente, que desenvolve propostas centradas nas datas comemorativas, apontando como princípio de mudança, a reflexão e o pensamento crítico sobre o currículo da educação infantil e sobre o planejamento de propostas significativas para as crianças, de modo a favorecer as experiências e o desenvolvimento das potencialidades das crianças.

Palavras-chave: Currículo; Datas comemorativas; Educação Infantil; Infância.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as questões referentes à educação infantil ganharam maior visibilidade no país. Na busca por qualificar o atendimento, diversos documentos legais foram publicados em favor dos direitos da criança desde então e, recentemente foi publicada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que a educação

¹ Licenciada em Pedagogia na Universidade Feevale. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, e-mail: suelenvargas@novohamburgo.rs.gov.br, lotada na EMEI João Vidal Campanhoni.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

infantil está incluída como parte do conjunto da Educação Básica e, nesse contexto, passa a ser o início e o fundamento do processo educacional.

Quando se pensa em currículo para a Educação Infantil, além da BNCC, também temos como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), que esclarecem que o currículo consiste no “[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2010, p.12). Dessa forma, o currículo na Educação Infantil necessita ser pensado e organizado, compreendendo a criança como um ser social, de direitos e deveres, que pensa, questiona, interage, explora e constrói o conhecimento. Esse currículo na escola infantil envolve tudo que ocorre no cotidiano, nas suas dimensões múltiplas.

Entretanto, existem propostas que estão presentes no currículo por hábito e são realizadas sem objetivos a serem alcançados, ou ainda, sem propostas de reflexão com as crianças e sem atribuir a devida significação do que está sendo proposto, como em algumas situações do trabalho com datas comemorativas.

Comumente, as escolas inserem no currículo a realização de atividades relacionadas a datas comemorativas, a partir das quais pode-se perceber maior investimento de tempo na produção de enfeites e decorações do que na contextualização da festividade. Essa ênfase dada ao que se produz em detrimento ao porquê se produz gera indagações sobre a coerência no fazer pedagógico da escola.

Diante do exposto, esta pesquisa buscou investigar se a proposta de trabalho com datas comemorativas realizada em escolas de Educação Infantil proporciona a construção de sentido do tema trabalhado e a ampliação do repertório cultural da criança.

Com a pesquisa, busquei analisar a organização das atividades pedagógicas no que se refere à proposta que envolvem as datas comemorativas, além de compreender o ponto de vista dos professores acerca do trabalho realizado, bem como difundir e democratizar o conhecimento, prestando à comunidade informações e reflexões sobre o tema pesquisado.



SEÇÃO COM A DESCRIÇÃO TEÓRICA

A partir do massivo ingresso das mulheres no mercado de trabalho, que se iniciou no último século, houve uma série de mudanças na sociedade, principalmente na vida das crianças, pois o cuidado e a educação das crianças pequenas que, por muitos séculos foi entendida como tarefa familiar, começou a se modificar.

Em 1988, a Constituição Federal trouxe uma grande mudança no ordenamento legal com relação ao atendimento à primeira infância. O atendimento da criança em espaços coletivos, que até então era um direito da família e opção dos pais, passou a ser direito da criança e dever do estado. A Constituição Federal também superou a visão meramente assistencialista do trabalho desenvolvido com as crianças dessa faixa etária e definiu esse trabalho como de educação infantil. Portanto, as instituições de educação infantil passaram a fazer parte do sistema de educação básica. Desta forma, a educação e o cuidado passaram a ser vistos de forma indissociável, como complementares e formadores da ação educativa e humana qualificada.

Essa oferta de atendimento gerou importantes mudanças no contexto social e educacional do país, como por exemplo, o fato da educação infantil estar estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96) como a primeira etapa da educação básica, por meio de uma sessão autônoma, e não mais em posição subordinada às demais etapas. Destaca-se esse fato devido a todo o histórico da educação infantil no país, que desde a sua concepção, esteve direcionado ou ao assistencialismo por meio das creches, ou com viés preparatório através dos jardins de infância.

Após a década de 90, a educação infantil passa a estar nas bases da educação. Então, com toda essa visibilidade dada às questões da infância e sobre o atendimento às crianças, são publicados diversos documentos que orientam o discurso oficial sobre o atendimento às crianças no Brasil. Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2009) são criadas, reiterando a importância da educação infantil, como já havia sido mencionado na Lei de Diretrizes e Bases para a Educação – (LDB 9.294/96), além de apresentar uma revisão



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

das antigas Diretrizes (1998), implementando novas concepções sobre criança, educação infantil e currículo.

Recentemente foi criada a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), que define o conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas por todos os alunos durante a educação básica, na busca de uma equidade no âmbito educacional do país. Nesse documento, a educação infantil está compreendida como a primeira etapa da educação básica, o início e o fundamento do processo educacional, configurando dessa forma mais um marco na história da educação infantil no Brasil. (BRASIL, 2017).

E, frente a essas novas perspectivas sobre a educação infantil, que tem sido construídas ao longo das últimas décadas, se torna necessário também uma análise reflexiva das práticas docentes, das concepções de criança e infância e do currículo nas escolas de educação infantil.

Definir os conceitos de criança e infância é uma tarefa um tanto o quanto difícil. Visto que esses conceitos são construções sociais provenientes do tempo histórico, dos aspectos culturais e dos aspectos geográficos. Barbosa, Delgado e Tomás (2016) apontam que indicar um único e consensual conceito de infância e criança é algo questionável, pois não existe uma forma padronizada de ser criança e de viver a infância.

Nesse contexto histórico de evolução a respeito das concepções de criança, Barbosa e Horn (2008, p. 28) esclarecem:

Passou-se de uma concepção segundo a qual as crianças eram vistas como seres em falta, incompletos apenas a serem protegidos, para uma concepção das crianças como protagonistas do seu desenvolvimento, realizado por meio de uma interlocução ativa com seus pares, com os adultos que as rodeiam, com o ambiente no qual estão inseridas. As crianças são capazes de criar teorias, interpretações, perguntas, e são co-protagonistas na construção dos processos de conhecimento. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 28).

Atualmente, muito se tem pensado, estudado e discutido em relação às concepções de criança e infância, assim como diversos documentos legais foram criados voltados a essas temáticas. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, (BRASIL, 2009) apresentam a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017) apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Que por intermédio das interações e brincadeiras, asseguram condições para que as crianças aprendam de forma ativa através de situações desafiadoras e significativas. (BRASIL, 2017, p. 23).

Nessa nova perspectiva de entendimento e olhar para as crianças e seus modos de viver a infância, passa a ser necessário pensar em um currículo que valorize as práticas cotidianas e que seja capaz de evidenciar o potencial dessas crianças. Sobre isso, Fochi e Redin (2014, p.70) expressam que:

Precisamos rever as pedagogias para a infância criando propostas que afirmem o potencial inventivo das crianças, acreditando que, desde muito pequenas, elas possuem capacidade para relacionar-se e de interagirem com o mundo das pessoas, dos objetos, dos acontecimentos. São capazes de experiências ricas de significados, que podem ser expressas por inúmeras formas de linguagens, mas que só podem se tornar visíveis num ambiente propício, onde as experiências possam ser potencializadas.

Dessa maneira, repensar o currículo das escolas da infância, de modo a ouvir as crianças, dar sentido e significado as suas ações através das situações do cotidiano torna-se uma ação emergente nos dias atuais.

Quando se fala em currículo na educação infantil ainda existem muitas discussões e diferentes opiniões a respeito do entendimento sobre o assunto. Entretanto, a Base Nacional Comum Curricular estabelece uma organização curricular para a Educação Infantil estruturada em cinco campos de experiência.

Para o filósofo John Dewey (1967, apud DEWEY 2010), a experiência se caracteriza por ser completamente ligada à vida real. Dessa forma, torna-se cada vez



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

mais necessário refletir sobre o currículo da escola de educação infantil, buscando situações do cotidiano e do contexto no qual as crianças e a escola estão inseridas.

É necessário se desprender da ideia de um currículo prescritivo, único, linear, com caminhos traçados e objetivos pré-definidos, que determinam antecipadamente, o quê, quando e como as crianças irão aprender. É preciso pensar em um currículo narrativo, criativo e desafiador, coerente ao contexto em que está inserido, que provoque na criança o prazer da descoberta, que desperta um desejo ainda maior de aprender e explorar, através do lúdico e das interações.

Sendo assim, o currículo da educação infantil precisa ser elaborado de forma que compreenda a criança na sua totalidade, como um ser social, de direitos, que questiona, pensa, interage e constrói conhecimento. Também é importante reconhecer os conhecimentos prévios das crianças, compreender o contexto em que estão inseridas e valorizar as situações do dia a dia. Construindo então, uma pedagogia do cotidiano, oportunizando uma aprendizagem associada, com significado, transformadora, inclusiva e consciente. Barbosa (2012) aponta a necessidade de estabelecermos um olhar atento a respeito das ações do cotidiano, pelo qual se aprende a ver a beleza das pequenas coisas, como deslocar-se, alimentar-se, dormir.

A respeito dessa nova concepção curricular, Malaguzzi (2005) esclarece que isso só será possível, se voltarmos nosso olhar para as situações do cotidiano, a partir das relações e da escuta recíproca entre os protagonistas das instituições da infância: crianças, profissionais e famílias. Dessa forma, fica evidente que é necessário apurar o olhar, de maneira a desconstruir a visão automatizada sobre as situações do cotidiano. É preciso dar valor, sentido, e atenção para o que acontece na escola, porque a escola não é uma preparação para vida, mas é um pedaço da vida. (DEWEY 2010).

Entretanto, essas normativas e essas novas concepções de criança, infância e currículo para a educação infantil não são simples de serem incorporadas nas práticas do dia a dia, visto que ainda existem controvérsias, marcas e resquícios de uma formação docente voltada às datas comemorativas. Bem como, memórias afetivas da vida estudantil, práticas de uma pedagogia da transmissão (OLIVEIRA- FOR-



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

MOSINHO, 2007) e da tradição de um currículo fechado e sistemático. Ostetto (2011, p. 4) esclarece que, comumente, na área da educação, “caminhamos amparados por certezas pedagógicas, um porto seguro das regras e dos modos de fazer.”

Dessa forma, ainda existem escolas que organizam o planejamento em torno de datas comemorativas, de maneira fragmentada, simplista, limitada, estereotipada e acrítica. Nesses casos, na maioria das vezes, a maior preocupação ora está na produção de lembrancinhas e decorações, ora na realização de apresentações de modo a corresponder às expectativas das famílias. Ou simplesmente por ser um hábito, uma tradição da instituição, ou porque a mídia ditou. Como nos esclarecem Barbosa e Horn (2008, p. 38 e 39):

Outro grave problema que afeta a educação infantil é o calendário de festividades. Alguns meses do ano, as crianças ficam continuamente expostas àquilo que poderíamos chamar da indústria das festas. Elas se tornam objetos de práticas pedagógicas sem o menor significado, que se repetem todos os anos da sua vida na educação infantil, como episódios soltos no ar. Os conhecimentos sobre os conteúdos das festividades são fragmentados e, muitas vezes, simplórios. (BARBOSA e HORN, 2008, p. 38 e 39).

Nesse sentido, refletir e problematizar a proposta de trabalho que envolve as datas comemorativas passa a ser o começo da trajetória em busca de formação docente que viabilize a oferta de uma educação infantil de qualidade. Pois, como nos ensina Paulo Freire (1996, p.24), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Afinal, as escolas de Educação Infantil e os profissionais docentes necessitam ter muito claro qual o real sentido das datas comemorativas para a criança, pois essas experiências podem vir a ser realmente significativas, se trabalhadas de uma forma coerente. As propostas pedagógicas envolvendo as datas comemorativas no currículo da Educação Infantil apresentam relevância, pois também são uma forma da criança estar ampliando suas vivências, socializando e construindo conhecimento. O que não pode haver é uma centralidade de aprendizagens acerca da temática das datas comemorativas, ou a falta de conexão dessas propostas com o cotidiano das crianças.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Por isso, a função primordial da escola passa a ser a de auxiliar a criança a compreender o mundo por meio das suas experiências pessoais. E, isso se dá por meio das brincadeiras, de pesquisas, da solução de problemas, da criação de hipóteses, de uma constante inter-relação entre as atividades escolares e as necessidades e interesses das crianças, de acordo com o contexto no qual estão inseridas. Fochi (2014) sugere-nos uma direção:

Proponho que a reflexão sobre o currículo para a infância possa ser inventada a partir de uma visão mais desinteressada com relação ao que se deva ensinar e mais curiosa pelo que se possa aprender, que nasça a partir da necessidade de pensar-se em relação ao vivido e de perguntar-se em relação ao caminho que se está percorrendo. (FOCHI, 2014, p.100).

As comemorações e festividades tem feito parte da cultura escolar há anos, de forma natural e rotineira. Portanto, faz-se necessário avaliar qual é o lugar dessas datas comemorativas no currículo, qual a significação que elas estão tendo para as crianças, de que forma estão sendo trabalhadas e o porquê de estarem presentes no currículo ano após ano.

METODOLOGIA

Quanto ao procedimento utilizado, ou seja, a maneira pela qual os dados necessários para a elaboração da pesquisa foram obtidos, optou-se pela realização de grupo focal com os docentes, e, entrevistas semiestruturadas com a diretora e coordenadora das escolas pesquisadas, e, também, com a equipe de assessoria responsável pela educação infantil do município.

Elegeu-se duas escolas do município de Novo Hamburgo (RS) que desenvolvem uma proposta de trabalho envolvendo as datas comemorativas e estão em um processo de reflexão dessa prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Após o término da coleta de dados, iniciou-se sua análise. Primeiramente, foi realizada uma transcrição literal dos áudios dos grupos focais e das entrevistas semiestruturadas. Em seguida, esse material foi organizado e dividido em três categorias e uma subcategoria.

AS RAÍZES QUE TRAZEMOS DESDE A NOSSA FORMAÇÃO - O ENTENDIMENTO DOS PROFESSORES QUANTO A PROPOSTA DE TRABALHO COM DATAS COMEMORATIVAS.

No primeiro encontro do grupo focal, ao serem questionadas a respeito do seu entendimento sobre a proposta de trabalho envolvendo datas comemorativas, grande parte das professoras deixou claro o quanto isso ainda é novo e carregado de incertezas. Surgiram falas que deixaram evidentes as marcas da formação inicial do ser docente, deixando claro que as memórias afetivas, vividas enquanto alunas e que a metodologia de trabalho desenvolvida no período de sua formação (magistério e estágio) estão intrinsecamente ligadas e “enraizadas” na sua forma de pensar e no seu fazer pedagógico.

Outro dado importante que surgiu durante as discussões do grupo focal, foi a resistência de algumas professoras em se permitir pensar diferente do habitual. Quanto a essa resistência em deixar de seguir os roteiros pré-estipulados, com verdades únicas e certezas prévias, Ostetto (2011, p. 4) comenta que, frequentemente, na área da educação, “caminhamos amparados por certezas pedagógicas, um porto seguro das regras e dos modos de fazer”.

Em contraponto a essa maioria, surgiram nas discussões dos grupos focais, professoras que já têm uma opinião bem formada a respeito das propostas que envolvem as datas comemorativas. Nas falas e opiniões que essas professoras traziam para as discussões era possível perceber, o quanto, em seu ponto de vista, e nas descrições das atividades propostas, a criança estava no centro do seu planejamento, como um ser potente e capaz de construir conhecimento. Para essas professoras, estava claro que as aprendizagens na educação infantil não podem mais se dar



de maneira simplista, apenas como uma reprodução ou transmissão de conhecimentos.

Fica evidenciado o quanto essa questão das propostas envolvendo as datas comemorativas ainda não estava bem resolvida para todos no grupo, mesmo que as duas escolas já estejam nesse processo de reavaliar tais propostas. Essa divergência de opiniões gerou discussões significativas nos grupos focais.

TEM RAIZ QUE É DIFÍCIL DE TIRAR – PÁSCOA E NATAL

Durante as discussões nos grupos focais, as atividades envolvendo a Páscoa e o Natal tiveram uma maior argumentação por parte das professoras no sentido de justificar e defender suas permanências no calendário escolar. Algumas professoras inclusive acham essa prática de trabalhar Páscoa e Natal algo muito natural.

Em relação a essa temática, uma professora argumenta, salientando o fato de que no Brasil não se tem uma religião oficial e chamando a atenção para as questões religiosas que essas datas carregam. Outra professora acrescenta, esclarecendo sobre a forte influência do Cristianismo na cultura da escola e ressaltando a diversidade de religiões que se tem num mesmo contexto escolar.

As professoras favoráveis a permanência dessas datas no calendário escolar justificam seu posicionamento argumentando que é possível desvincular o sentido religioso dessas datas e priorizar apenas o lúdico.

Quanto a essa maneira de pensar, a socióloga Denise Mak (2013, p. 233) nos esclarece:

Pode-se considerar que festas religiosas como a Páscoa e o Natal assumiram um papel institucionalizado dentro do âmbito escolar, o que as torna algo pouco problematizado, quase naturalizado, trabalhado muitas vezes por uma perspectiva inocente de educação. (MAK, 2013, p. 233).

Frente a esse argumento, de desvincular o verdadeiro significado das datas religiosas, de maneira a se trabalhar apenas o lúdico, enquanto mediadora das discussões, questiono o grupo sobre o sentido dessa prática e o porquê da permanência dessas datas no calendário escolar. As professoras respondem:



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Professora 4: Na minha opinião tá bem claro isso, a escola é laica e não se deve trabalhar datas religiosas. Até porque não se tem apenas uma religião na escola, pelo contrário, são muitas as religiões que se tem na escola. E a respeito do lúdico, acho sim que tem que ser trabalhado, mas não necessariamente nos dias dessas datas.

Professora 5: Não concordo em não ter, que nem Natal, tem a questão do Papai Noel, eu acho que é roubar deles essa parte da fantasia sabe? É isso que eu penso.

O pedagogo italiano Loris Malaguzzi (1999), em seu poema “As cem linguagens da criança”, faz uma crítica a essa ludicidade limitada às datas comemorativas:

A escola e a cultura / lhe separaram a cabeça do corpo. / Dizem-lhe: / de pensar sem mãos / de fazer sem a cabeça / de escutar e de não falar / de compreender sem alegrias / de amar e maravilhar-se / só na Páscoa e no Natal.

Complementando essa forma de pensar, a professora 9 expressa suas inquietações sobre a ideia de propor algo especial apenas em momentos voltados às datas comemorativas:

Professora 9: porque que tem que chegar o São João para fazer uma aula de dança lá fora? Porque tem que chegar a Páscoa para fazer uma culinária? Porque tem que chegar tal data para o professor criar uma atividade diferente?

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular esclarece a respeito das atribuições do professor de educação infantil:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (BRASIL 2017, p. 37).

Outro aspecto discutido foi referente às propagandas expostas na mídia, que acabam influenciando o currículo da escola. Houve uma discussão a respeito do papel da escola frente aos estereótipos criados nessas datas e também sobre as questões voltadas ao consumo infantil. Dado que, nos tempos atuais, que predomina a cultura do consumo, as crianças estão sendo “utilizadas, cada vez mais, como influenciadoras de seus pais” (MONTIGNEAUX, 2003, p.19). A escola ao trabalhar essas



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

datas o que estaria reforçando? Não seria papel da escola desenvolver uma postura crítica e frear essa cultura do consumo aceita pelo senso comum?

Percebe-se que esse processo de transição envolve muitos fatores. Entretanto, o ponto de partida é o fato dos professores se permitirem repensar suas práticas, dando sentido e significado às propostas que compõem o currículo na educação infantil. Pois é importante que haja uma reflexão se, os hábitos, as metodologias e as datas, que faziam sentido há décadas atrás, mantendo o mesmo sentido no contexto atual.

Através dos relatos, percebe-se o quanto a tradição de atividades envolvendo as datas comemorativas está enraizada na nossa matriz docente, sendo urgentemente necessário refletir sobre essa cultura que vem se repetindo de geração para geração.

**AS DATAS QUE COMPÕEM O CALENDÁRIO ESCOLAR – POR QUÊ?
COMO? PARA QUEM?**

No segundo encontro dos grupos focais discutimos a temática do calendário letivo. Ao serem questionadas sobre como são escolhidas as datas que fazem parte desse calendário e sobre as datas que geralmente são propostas atividades para as crianças, algumas professoras relatam que trabalhavam todas as datas, iniciando em março até dezembro.

Deixando claro, que o currículo e o planejamento, estão organizados em torno de datas comemorativas. Ostetto (2012) ressalta que essa perspectiva gera implicações pedagógicas, se torna tediosa, massifica, empobrece o conhecimento e subestima a capacidade das crianças.

Sobre essa perspectiva de currículo pré-determinado, Oliveira-formosinho comenta:

A herança pedagógica do século XX brindou-nos com pedagogias da infância que se constituíram num grito perante a educação burocrática e centralizada, em pleno desenvolvimento a partir da Revolução Industrial que ensina a todos como se fossem um só, criando currículos pronto a vestir de tamanho único. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2016, p. 95).



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Quando questionadas a respeito da intencionalidade dessas propostas e o significado para as crianças, as respostas coincidem sobre os mesmos aspectos (superficialidade e pouco significado), em ambos os espaços da pesquisa.

Outra reflexão realizada nos grupos foi quanto ao fato das crianças entrarem na escola de educação infantil na faixa etária zero e saírem na faixa etária três ou quatro, permanecendo em média, de quatro a cinco anos na instituição, trabalhando ano após ano as mesmas datas. Levantou-se o questionamento se o trabalho possuía uma progressão a cada ano do tema trabalhado, ou seja, se havia um aprofundamento gradativo nas questões envolvendo as datas trabalhadas. As professoras responderam que as propostas são bem superficiais e até se repetem, não havendo aprofundamento de um ano para o outro.

Sendo assim, nas falas das professoras é notório que as propostas ocorreram de forma rotineira, de maneira habitual. Quanto a isso, Pinazza (2014) salienta que ampliar e aprofundar as experiências representa promover crescimento e reconstrução de experiências, não mais como coisas isoladas e sim contextualizadas. Nas discussões também foi possível perceber que existe uma grande expectativa por parte das famílias, nas atividades relacionadas às datas comemorativas, e esse é mais um fator angustiante que as professoras descreveram.

É possível perceber, por meio dos relatos, que a proposta de trabalho envolvendo as datas comemorativas é cercada de expectativas e exigências, que levam os docentes ao esgotamento, e, não são consideradas as necessidades e interesses das crianças. É preciso analisar qual é a verdadeira função da escola. No momento da escolha das datas seria interessante pensar: porque? Como? Para quem? Deixando de se preocupar em atender as expectativas dos pais, passando a priorizar o que é essencial para a criança que, segundo a BNCC, deve ser o centro do planejamento.

Ainda sobre a temática do Natal, o grupo de professoras discutiu e questionou práticas voltadas ao consumo infantil. No relato das professoras, ficou claro que especialmente as datas comemorativas ditadas pela mídia, quando não analisadas de



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

uma forma crítica, acabam promovendo o consumo infantil e reforçando estereótipos criados pelo senso comum.

Dessa forma, percebe-se o quanto é urgente que se desenvolva um senso crítico e reflexivo frente a todas essas tradições, que se repetem ano a após ano de forma natural e habitual.

UM PROCESSO REFLEXIVO DE DESCONSTRUÇÃO

Nas discussões dos grupos focais, nas duas escolas, surgiu a questão de que não existe uma diretriz enquanto Rede Municipal de Ensino e que isso é um fator que gera comparações entre as escolas que realizam a proposta de trabalho envolvendo as datas comemorativas e as que não desenvolvem tal proposta.

Para esclarecer esse questionamento que gerou inquietação nos dois grupos, foi buscado esclarecimento junto à equipe de assessoria e a diretora responsável pela educação infantil no município. Ao serem questionadas sobre qual a orientação da SMED em relação as propostas de trabalho envolvendo as datas comemorativas nas escolas de educação infantil a equipe responsável pela educação infantil esclarece:

SMED 1: Enquanto rede, tá num processo de reflexão. Tem algumas escolas aonde o grupo já se colocou a pensar sobre isso e isso na verdade reflete nas práticas que vêm sendo modificadas e construídas junto com as famílias e em outros de uma maneira talvez mais lenta e em alguns na verdade a gente não tem essa mudança. Mas enfim, hoje o que a gente vê assim, que a gente tem intensificado um pouco mais essa conversa com as escolas sendo um pouquinho mais incisivos em repensar isso. O que antes não era bem assim, era uma caminhada mais de escola.

SMED 2: “A escola que mostrava já interesse em refletir sobre isso, acabava refletindo. Hoje na própria assessoria a gente vem convidando essas escolas que não pensavam, a refletir sobre isso.”

Outra questão bastante discutida nos dois grupos foi o modo como acontece ou poderia acontecer esse processo de desconstrução dos hábitos e certezas que os professores trazem consigo desde sua formação.

Professora 7: “Vai ter que ser devagar isso, nada muito imposto, vai ter que ser um amadurecimento de todo o grupo, pra ter uma linha da escola.”



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

A equipe da SMED esclarece a respeito desse processo de transição que acontece nas escolas:

SMED 3: A gente começa com as equipes diretivas, e a maioria delas já tem assim: ah tá eu sei que não é exatamente assim, que eu não devo trabalhar. Mas não tem muita segurança ainda o porquê não. Então a gente trabalha nesse sentido, de fazer com que elas reflitam junto com o grupo. Então não existe uma proibição, existe sim, a gente instiga as equipes a pensar sobre isso e aí construir então a sua proposta.

As coordenadoras das escolas pesquisadas ressaltam:

Coordenadora A: Ir contra a formação da maioria dos professores, inclusive a minha, é desafiador. Certamente esse é um processo lento e é essencial o espaço para discussão. Afinal, da mesma forma que, acredito, para as crianças, as aprendizagens são construídas a partir daquilo que vivenciam, para os docentes também, só se torna acessível a proposta que é amplamente discutida em grupo.

Coordenadora B: E isso é um processo, não é num ano que a gente vai aprender a internalizar na gente a questão das datas comemorativas. A gente vai discutir esse ano, vai discutir ano que vem e no outro ano a gente vai discutir de novo.

Ainda a respeito de uma orientação enquanto rede, a responsável pela educação infantil do município esclarece que essa é feita quanto ao olhar que se precisa ter para o currículo das escolas de educação infantil:

SMED 1: Acho que uma orientação que sim que é dada, e que na verdade contribui para repensar o lugar das datas comemorativas é justamente nessa organização deste currículo e desse cotidiano para as crianças. O que que tem de valor na verdade nisso? No sentido de tu pensar o que pras crianças, na verdade tem de importância em comemorar tal data. Que relação que as crianças vão fazer com isso para a vida, enfim. Então isso a gente vem trabalhando muito, a coisa do currículo, de toda proposta ser focada na criança, a criança ser o centro. E aí se tu vai trabalhar na verdade, com datas comemorativas, tu vai ficar sempre deixando de trabalhar aquilo que elas estão interessadas, pra ficar fazendo as datas comemorativas né, então a gente também começa a trabalhar isso assim de uma maneira mais enquanto rede, enquanto proposta de rede. Pensar nesse lugar de currículo, nesse lugar da criança, como foco do planejamento mesmo.

Ao longo das discussões nos grupos focais, as professoras foram criando possibilidades sobre como poderia se dar esse processo de reflexão e reformulação do olhar para o currículo da escola de educação infantil.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

Outro tema discutido nos grupos focais foi relativo à aceitação e ao entendimento da comunidade. O quanto é necessário fazer reuniões e formações com as famílias, para que elas também possam entender a nova proposta, e colaborar com opiniões e sugestões.

Por fim, ao serem questionadas novamente ao final do segundo encontro do grupo focal, a respeito da sua opinião sobre as datas comemorativas no currículo da educação infantil, as professoras comentaram sobre a importância de se repensar as práticas habituais e analisar o que realmente tem sentido para as crianças.

Diante da grandeza das discussões e reflexões obtidas através dos grupos focais, abre-se uma janela de esperança, de que é possível estabelecer e otimizar esse processo reflexivo de desconstrução dentro das escolas, na perspectiva de reinventar o currículo da educação infantil junto com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente através das discussões nos grupos focais que na maioria das vezes as propostas envolvendo as datas comemorativas foram desenvolvidas sem a intencionalidade de as tornarem significativas para as crianças, nem tão pouco pensou-se em ampliar seus repertórios culturais, visto que eram realizadas de forma habitual, quase que automatizada, pois não havia uma análise reflexiva da prática docente.

Foi possível compreender que existe uma forte influência da formação e das práticas dos professores nas ações docentes atuais, enraizada em uma pedagogia tradicional, que possui uma forma transmissiva.

Entretanto, ficou claro que há uma perspectiva de mudança, compreendendo que essa mudança é um processo primeiramente individual e posteriormente coletivo, pelo qual cada professora e cada grupo docente vai vivenciar, cada um ao seu tempo. Porém já se tem uma normativa enquanto Rede Municipal de Ensino, de se voltar o olhar para o currículo da Educação Infantil, de forma a torná-lo coerente e com significado para as crianças.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

E através dos grupos focais ficou evidente que com uma reflexão em grupo, por meio de discussões, pode-se esclarecer diversas questões. E, portanto, com o debate a partir de diferentes pontos de vista, e com a devida contextualização, essa construção do pensamento pedagógico do grupo pode chegar a um denominador comum, de forma que todos possam compreender e contribuir para uma proposta da escola.

Através de todas as discussões e pesquisas sobre essa temática, finalizo com a impressão de que é preciso falar e discutir sobre o currículo da educação infantil e sobre as propostas de trabalho envolvendo as datas comemorativas. É necessário criar momentos em que esses assuntos possam ser estudados e discutidos em planejamentos e formações nas escolas, e no âmbito universitário, especialmente nos cursos de pedagogia. Pois como ficou evidente na análise dos dados, essa desconstrução do que por muito tempo foi habitual, é um processo que leva tempo e precisa ter sentido para os professores também.

E todo esse processo reflexivo de desconstrução, a respeito das propostas que envolvem as datas comemorativas e das significações do currículo, favorecem para uma mudança efetiva nas ações pedagógicas na escola, dando espaço para as situações do cotidiano, comemorações que têm significado, valorizando as pequenas coisas do dia a dia, as narrativas da vida, priorizando a sociabilidade, as brincadeiras e as interações.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. In: BRASIL. **A produção acadêmica sobre orientações curriculares e práticas pedagógicas na educação infantil brasileira**. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/UFRGS, 2009c.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF:1996.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: 2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. A formação em contexto: a mediação do desenvolvimento profissional praxiológico. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral, Coordenadoria de Educação Infantil. **Pedagogias das infâncias, crianças e docência na educação infantil**. Santa Maria: Caxias, 2016.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010b.

FOCHI, Paulo Sergio; REDIN, Marita Martins. **Infância e Educação Infantil II – Linguagens**. Editora Unisinos. São Leopoldo/ Rio Grande do Sul. 2014.

FOCHI, Paulo Sergio. Será que um dia os arco-íris terão cores? In: GAI, Daniele Noal; FERRAZ, Wagner. **Parafernália II: currículo, cadê a poesia?** Porto Alegre: INDEPin, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo/SP, Editora Paz e Terra. 1996.

MAK. A Páscoa e o Natal: a comemoração dentro da escola. **Revista Veras**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 231-241, julho/dezembro, 2013.

MALAGUZZI, Loris. **Histórias ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI Leila; FORMAM George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

MONTIGNEAUX, Nicolas. **Público-Alvo: crianças: a força dos personagens e do marketing para falar com o consumidor infantil**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINNAZZA Mônica Appezzato (orgs.) **Pedagogia (s) da Infância: Dialogando com o passado Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OSTETTO, Luciana E. **Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco**. In: OSTETTO, Luciana E. (Org.). *Encontros e encantamentos na educação infantil*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2012.